

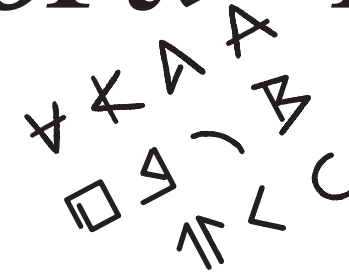
(Visita guiada com curador)
7JUN'25, 15h



“Se eu tivesse mais
tempo, teria escrito
uma carta mais curta.”

*‘If I had more time,
I would have written
a shorter letter.’*

curadoria



curated by

MAËQUISE

7JUN'25 ➤ 5OUT'25

Culturgest (Porto)

Território / Territory #8

MARQUISE, um projeto expositivo independente fundado em 2017, funcionou a partir de um apartamento residencial em Lisboa com o objetivo de construir ligações e afinidades entre artistas locais e internacionais. Resistindo ao isolamento geográfico de “fim de estrada” de Portugal, o projeto procurou contornar os desafios logísticos e convencionais inerentes à apresentação destes artistas por galerias comerciais e/ou instituições.

MARQUISE, an independent exhibition project founded in 2017, operated from a residential apartment in Lisbon with the aim of building connections and affinities between local and international artists. Resisting the geographic isolation of Portugal’s “end of the road” location, the project sought to navigate the logistical and conventional challenges inherent in presenting these artists through commercial galleries and/or institutions.

FIDELIDADE
DIREÇÃO DE RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS
E RESPONSABILIDADE SOCIAL
*DIRECTORATE OF INSTITUTIONAL
RELATIONS AND SOCIAL
RESPONSIBILITY*
Teresa Ramalho
Teresa Campos

PROGRAMAÇÃO TERRITÓRIO
TERRITORY PROGRAM
Bruno Marchand

CURADORIA TERRITÓRIO #8
TERRITORY #8 CURATED BY
MARQUISE

ARTISTAS/ *ARTISTS*
Daan van Golden
Fiona Connor
Gianna Surangkanjanajai
Laurent Dupont
Lourdes Castro

PRODUÇÃO/ *PRODUCTION*
Sílvia Gomes (Coordenação/ *Coordination*)
Denise Cunha Silva
Susana Sameiro (Culturgest Porto)

MONTAGEM/ *ASSEMBLY*
Diogo Machado
Renato Ferrão
Rui Azevedo

DESIGN GRÁFICO TERRITÓRIO
GRAPHIC DESIGN TERRITORY
Sofia Gonçalves

DESIGN GRÁFICO CULTURGEST
GRAPHIC DESIGN CULTURGEST
Macedo Cannatà

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS
MARQUISE gostaria de agradecer a Bruno Marchand e a toda a equipa da Culturgest, a Diogo Machado, Renato Ferrão, Rui Azevedo e Sofia Gonçalves, a todos os artistas na exposição, aos colecionadores e emprestadores institucionais: Coleção LC em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, Diana van Golden e Galeria Micheline Szwajcer, Antuérpia, Gauli Zitter, Bruxelas, Maureen Paley, Londres.

MARQUISE would like to thank Bruno Marchand and the Culturgest team, to Diogo Machado, Renato Ferrão, Rui Azevedo and Sofia Gonçalves, as well as all the artists in the exhibition, the collectors and lenders to the show: LC Collection long-term loan to Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, Diana Van Golden and Galerie Micheline Szwajcer, Antwerp, Gauli Zitter, Brussels, Maureen Paley, London.

APOIO/ *SUPPORT*



us, their work has left an indelible mark — not just on how I see art, but how I see life itself, which they all seemed to place far above the former.

Through their varied approaches to refusal and reproduction, these artists generate new forms — not resolutions, but mutations. While their work may dabble in rejection, it also acknowledges the inevitability of mimicry, subtly reproducing what it seeks to escape. Fugitive yet adhesive, it clings to the contours of its predecessors and amplifies them, like an echo... and a touch of reverb.

And sometimes, the cover is just better than the original.

MARQUISE

MAKING MY WAY DOWNTOWN

No momento em que escrevo estas palavras, a canção de Vanessa Carlton, *A Thousand Miles*, tem 420 milhões de visualizações só no YouTube. Uma simples, mas inconfundível, frase introdutória de piano fez dela uma das músicas pop mais fáceis de reconhecer do início do século XXI. Ainda assim, sem o apoio daquele repetitivo arranjo de acordes, muitos ouvintes poderão ter dificuldade em recordar-se da letra.

10 3

Durante a digressão de 2017, Mac DeMarco e a sua banda tocaram uma versão desta canção nalguns concertos. As notas de piano iniciais arrancaram aplausos extasiados e baixaram a guarda do público em geral. No tema original, Carlton começa a cantar “Makin’ my way downtown”, uma frase que repete apenas uma vez durante toda a canção. Na versão cantada por DeMarco no festival *Rock en Seine*, em Paris, as mesmas palavras são repetidas pelo menos 24 vezes, ignorando alegremente o resto da letra.

Conhecido pela sua atitude irreverente nos espetáculos ao vivo, DeMarco impregnou a balada emocional de um toque brincalhão, ligeiramente irónico, sem deixar de mostrar uma admiração

genuína pelo original. Os fãs elogiaram a versão de DeMarco pelo seu charme inesperado e pela capacidade que o cantor teve de tornar a canção inequivocamente sua. Não pareceram importar-se que esta não tivesse respeitado a versão de Carlton; pelo contrário, apreciaram a piada e aderiram ao absurdo da nova versão.

Confrontado com a tarefa de redigir um texto de exposição, dei por mim a pensar na minha própria história com a arte. Apesar de ter desempenhado, quase que por acidente, várias funções nesta área ao longo dos anos, continuo a ser, acima de tudo, um entusiasta. Um dos meus artistas favoritos, que prezo como mentor, costumava dizer: “eu sou o mais próximo que se consegue de ser um artista sem o ser”. Posso nunca ter aprendido a pintar uma mão — algo em que ele era exímio — mas acho que consegui superá-lo no resto. Ainda assim, não consegui afastar um ceticismo persistente. Que impacto podem algumas palavras impressas em papel de 80 gramas — cujo destino final é um aterro ou, na melhor das hipóteses, um caixote de reciclagem — ter realmente na experiência de alguém numa exposição? Será que as palavras melhoram a arte? Talvez. Podem piorá-la? Quase de certeza.

to Carlton’s version; instead, they embraced the joke and leaned into its absurdity.

Faced with the task of drafting an exhibition text, I found myself reflecting on my own history with art. Despite having played various roles in the field over the years — almost by accident — I remain, first and foremost, a fan. A mentor of mine, one of my favorite artists, used to say, “I’m the closest you can get to being an artist without being one.” I may never have figured out how to paint a hand — which he excelled at — but I think I’ve managed to one-up him there.

4 9 *Still, I couldn’t shake a lingering skepticism. How much impact can a few words printed on 80gsm paper — destined for landfill, or at best, a recycling bin — really have on someone’s experience of an exhibition? Do words make art better? Maybe. Can they make it worse? Almost certainly.*

Context shifts depending on who’s hitting the keys, and bearing the brunt of writing about people who have invested their entire life and energy into their pursuit comes with a responsibility I’d rather avoid. “You hold the baby!”

That said, I hold unashamed admiration for the living artists featured in this show, all of whom I’ve had the privilege of knowing both personally and professionally. As for those no longer among

MAKING MY WAY DOWNTOWN

As I'm writing this text, Vanessa Carlton's A Thousand Miles has 420 million views on YouTube alone. A simple yet unmistakable piano riff made it one of the most recognizable pop songs of the early 2000s. Still, without its repetitive chord arrangement, many listeners may struggle to recall its lyrics.

During his 2017 tour, Mac DeMarco and his band covered the song in some of their performances. The opening keystrokes brought out both ecstatic cheers and a collective lowering of the audience's guard. In the original, Carlton opens with, "Makin' my way downtown," a line she repeats only once more throughout the track. In his Paris Rock en Seine rendition, DeMarco repeated those same words at least 24 times, gleefully ignoring the rest of the lyrics.

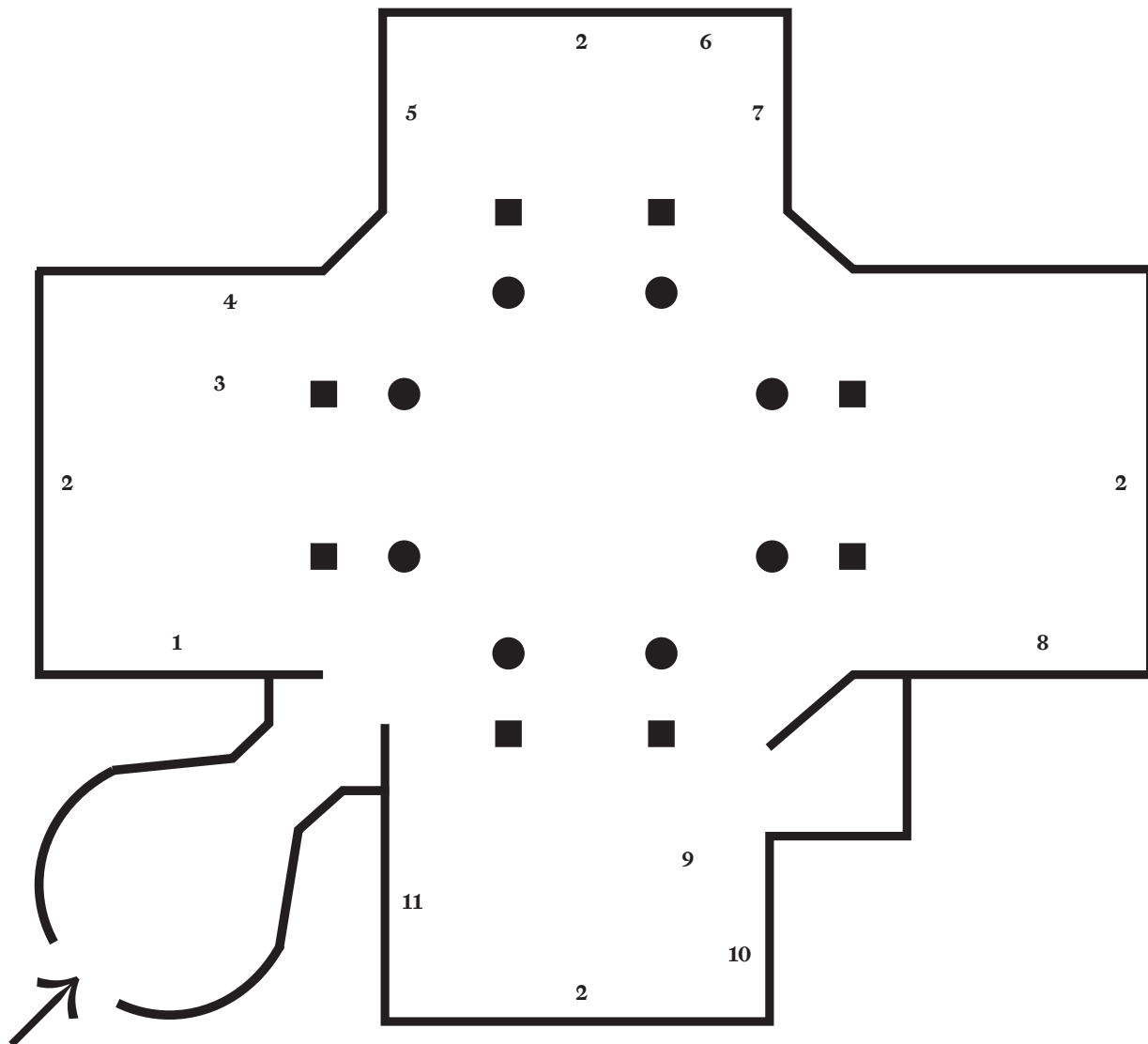
Known for his irreverent approach to live shows, DeMarco infused the emotional ballad with a playful, slightly ironic edge while still showing genuine admiration for the original. Fans praised the cover for its unexpected charm and DeMarco's ability to make the song uniquely his own. They didn't seem to care whether the performance stayed true

O contexto muda conforme quem bate nas teclas, e suportar o fardo de escrever sobre pessoas que investiram toda a sua vida e energia na construção de uma carreira, acarreta uma responsabilidade que eu preferia não ter. "Segura tu no bebé!"

Dito isto, tenho uma admiração despuerda pelos artistas vivos apresentados nesta exposição, os quais tive o privilégio de conhecer pessoal e profissionalmente. Quanto àqueles que já não se encontram entre nós, o seu trabalho marcou-me de forma indelével — não só na forma como vejo a arte, mas como encaro a própria vida, que todos eles parecem ter colocado acima da sua *arte*.

Através das suas variadas abordagens à rejeição e à reprodução, estes artistas geram novas formas — não soluções, mas mutações. Apesar do seu trabalho poder brincar com a rejeição, também reconhece a inevitabilidade da imitação, reproduzindo com subtileza aquilo a que procura escapar. Fugitivo, mas adesivo, agarra-se aos contornos dos seus antecessores e amplifica-os, como um eco... e um toque de reverberação.

E, por vezes, a versão é simplesmente melhor que o original.



6 7

1.

LAURENT DUPONT
Mozer, 2024
Acrílico sobre caixa de cartão
Acrylic on cardboard box
Cortesia do artista e de/ *Courtesy of the artist and* Gauli Zitter, Brussels
2.

DAAN VAN GOLDEN
Passages, 1990
36 páginas de catálogo emoldurada
36 framed catalogue pages
Cortesia/ *Courtesy* Galerie Micheline Szwajcer e/ *and* Diana van Golden
3.

GIANNA SURANGKANJANAJAI
Sem título / *Untitled*, 2023
2 cilindros de acrílico, cola líquida
2 plexiglass cylinders, craft glue
Cortesia da artista / *Courtesy of the artist*
4.

FIONA CONNOR
I haven't arrived yet, 2024
Bronze
Cortesia da artista/ *Courtesy of the artist and* Maureen Paley, London
5.

LOURDES CASTRO
Sombras à volta de um centro (Malmequeres), 1980
Lápis prateado sobre papel
Silver pencil on paper
Moldura desenhada por Manuel Zimbro
Frame designed by Manuel Zimbro
Coleção LC/ *LC Collection* em depósito na/ *long-term loan to* Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto
6.

LOURDES CASTRO
Sombras à volta de um centro (Ranúnculos), 1980
Tinta-da-china sobre papel
Indian ink on paper
Moldura desenhada por Manuel Zimbro
Frame designed by Manuel Zimbro
Coleção LC/ *LC Collection* em depósito na/ *long-term loan to* Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto
7.

GIANNA SURANGKANJANAJAI
Sem título / *Untitled*, 2025
Tubo de cartão, espelho e fita adesiva
Cardboard tube, mirror and adhesive tape
Cortesia da artista / *Courtesy of the artist*
8.

LAURENT DUPONT
Bounty, 2024
Acrílico sobre caixa de cartão
Acrylic on cardboard box
Cortesia do artista e de/ *Courtesy of the artist and* Gauli Zitter, Brussels
9.

LAURENT DUPONT
Atelier 2007-2008, le film, 2009
Video monocanal
Single channel video, 01:23:50
Cortesia do artista e de/ *Courtesy of the artist and* Gauli Zitter, Brussels
10.

GIANNA SURANGKANJANAJAI
Sem título / *Untitled*, 2025
Tubo de cartão, espelho e fita adesiva
Cardboard tube, mirror and adhesive tape
Cortesia da artista/ *Courtesy of the artist*
11.

FIONA CONNOR
Blanket Games, 2025
Grafite sobre parede
Graphite on wall
Cortesia da artista/ *Courtesy of the artist*